



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

SILVANETE LIMA DE SOUZA

**A luta da mulher negra na Comunidade São Sebastião do
município de Acará - PA.**

Belém-PA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

SILVANETE LIMA DE SOUZA

A luta da mulher negra na Comunidade São Sebastião do município de Acará - PA.

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial, para a obtenção do Grau de Licenciatura
em Teatro.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Adriana Maria Cruz dos
Santos.

Belém-PA
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S729l Souza, Silvanete Lima de
A luta da mulher negra na Comunidade São Sebastião do município de Acará - PA / Silvanete Lima de Souza. 2023.
28 f.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2023.

1. Mulheres – condições sociais. 2. Quilombolas – Acará (PA) 3. Negras – Acará (PA) - condições sociais. I. Título.

CDD - 23. ed. 305.4880981

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

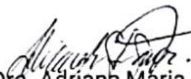
ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

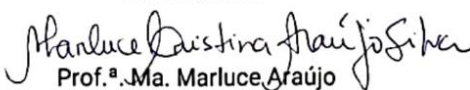
Ao décimo terceiro dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às quatorze horas, reuniu-se no Teatro Universitário Cláudio Barradas, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof.^a. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos (Orientadora e Presidente), Prof.^a Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva (Examinadora) e Prof.^a. Ma. Marluce Araújo (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna Silvanete Lima de Souza, intitulado: **"A Luta de uma mulher negra da comunidade de São Sebastião, do município do Acará"**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito Exatente com as seguintes observações Correções necessárias e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 13 de junho de 2023


Prof.^a. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos
Orientadora e Presidente da Banca


Prof.^a Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva
Examinadora


Prof.^a. Ma. Marluce Araújo
Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a produção total ou parcial deste memorial por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho por serem pertencentes a cervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Silvanete lima de Souza

SILVANETE Lima DE SOUZA
SILVANETE LIMA DE SOUZA

Local Belém e Data: 12 /07/2023

RESUMO

Este trabalho aborda a qualificação das mulheres quilombolas, observando a trajetória desde a formação básica até o acesso à Universidade. A perspectiva estabeleceu-se a partir de minha graduação na Escola de Teatro e Dança da UFPA, com a compreensão da importância da mesma, enquanto uma luta pelo direito à qualificação e cuja reflete na Comunidade Quilombola de São Sebastião do município de Acará, a qual eu faço parte. Na construção do Trabalho de Conclusão de Curso, compreendo que trago comigo as vozes de outras mulheres da minha comunidade, um coletivo, mulheres negras que lutam como eu, por uma formação de qualidade. Apresento aqui a alegria desse grupo de mulheres ao realizar o sonho que não é só delas, mas, coletivo. Há pouco tempo, essas mulheres não tinham oportunidade de atuar fora da sua comunidade, não podiam sair de casa, mas hoje atuam em vários lugares. A força deste trabalho está nessas vozes, e esta força me leva a traçar novas buscas de conhecimentos para que possamos desenvolver projetos no quilombo. Para construir esta escrita, realizei a leitura do Trabalho de Conclusão de Curso de Ingrid Gomes de Freitas, outra mulher negra, intitulado “*Manifesto Pauta Negra: em rastros de criações (po)éticas descoloniais de uma encenadora-produtora*” (Ingrid é recém concludente do curso da Licenciatura em Teatro pela ETDUFPA, com defesa do trabalho em 27 de março, às 14 horas, sob a orientação da Profa Andréa Flores). Também tenho como leitura importante o artigo “*A inserção do teatro no currículo de escola pertencente às comunidades quilombolas e suas contribuições na formação discente e na preservação da cultura*” de Alex do Carmo Barbosa; Camilla Gonçalo de Souza; Renata Rocha da Silva e Renan da Silva Batista em: <<https://rsdjournal.org/article>>

Palavras-chave: mulheres – condições sociais; quilombolas – Acará (PA); negras – Acará (PA) - condições sociais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
 1º CAPÍTULO	
<i>Memória e trajetória da formação no Ensino Fundamental e Médio no Quilombo São Sebastião</i>	11
 2º CAPÍTULO	
<i>Escola Santa Rita, iniciativa de Ilza do Socorro: primeira e única professora da Comunidade</i>	14
 3º CAPÍTULO	
<i>A formação universitária de mulheres da Comunidade: protagonistas da luta.....</i>	19
 4º CAPÍTULO	
<i>Carlos dos Santos Dias: fundador do Quilombo e Associação dos Quilombolas da Comunidade de São Sebastião do Município de Acará – PA</i>	24
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

O trabalho acadêmico basea-se na minha identidade quilombola, na Comunidade Quilombola São Sebastião do município de Acará, mostrando a trajetória de uma vivência que inicia na formação básica à inserção na Universidade. Mais especificamente, uma trajetória de um grupo de mulheres negras desta comunidade. Essas mulheres que ocupam um papel importante dentro de minha comunidade, na busca de melhorias para o referido quilombo, lutando para contribuir com a formação dos filhos deste nosso lugar.

Apresento aqui uma realidade que inicia-se com a inexistência de escola para as crianças estudarem, o que deveria ser um direito básico para todas e todos. Movidas pelo objetivo de garantir esse direito, um grupo de mulheres se organizou, iniciando com a Dona Ilza do Socorro Dias Lima, para ajudar na educação das crianças da comunidade. Ainda que no início, Dona Ilza não tivesse muito conhecimento, o pouco que ela sabia ensinou aos alunos; posteriormente, ela decidiu fazer uma faculdade para ser professora na comunidade e conseguiu alcançar seu objetivo.

A comunidade já enfrentou e, até o presente momento, enfrenta dificuldades, por exemplo, de acesso aos serviços como saúde, educação e transporte. Devido a isso, temos dificuldades para chegar à uma consulta médica. Ocorrendo momentos, em que moradores de nosso quilombo, na obtenção de transporte, têm que atravessar igarapé para chegar à Unidade de Saúde. A comunidade também possui problemas nas instalações educacionais, não tendo escolas com infra-estruturas adequadas ao ensino, as condições sanitárias são inapropriadas para o seu funcionamento, não tem água potável e, até pouco tempo, não tinha energia elétrica. As famílias sofrem dificuldades em conseguir empregos, muitos trabalham no roçado, plantando mandioca e outros alimentos, tanto para a subsistência como para abastecimento das feiras do município de Belém, faltando na maioria das vezes transportes para o escoamento das mercadorias.

Dentro deste contexto, é possível perceber dias difíceis de lutas que nossos antepassados enfrentaram, pois os mesmos transportavam até às margens do igarapé por meio de cavalo, carro de mão ou muita das vezes, carregando nas costas os sacos da mandioca e os feixes de folhas da manivas até os barcos para assim vendê-los no município de Belém.

É preciso elucidar, a ausência de estradas adequadas, a falta de saneamento básico, entre tanto outros fatores que dificultam a comercialização dos produtos, o acesso aos serviços de saúde, além de contribuir para o isolamento da comunidade.

Durante minha infância, dentro do quilombo, eu estudei, do primeiro ao quarto ano, perto de minha casa, na Escola Municipal Santa Rita. Quando conclui a Educação Infantil, a dificuldade que precisei enfrentar foi o deslocamento para outra comunidade para estudar na Escola Municipal Geraldo José de Lima – localizado na Comunidade do Nínive, também no município de Acará. Foi nessa escola que conclui o meu Ensino Fundamental. No Ensino Médio foi mais difícil, porque não tinha escola, foi quando a Escola Felipe Patroni, que

na cidade de Acará, entrou em contato com a direção da Escola Geraldo José de Lima para conversar com responsável do Centro Comunitário da Igreja Evangélica com o intuito de verificar a possibilidade de alugar o espaço para a prefeitura de Acará e assim possibilitar a inserção do ensino médio para os jovens na comunidade.

A Escola Municipal Santa Rita surgiu com muita luta do povo da comunidade porque no quilombo não tinha professores e tinha muitas famílias com crianças que estavam precisando de educação para os seus filhos. Foi quando uma mulher negra, Ilza do Socorro Dias Lima, observando a necessidade de se ter uma escola e também de uma professora dentro do quilombo, fez uma convocação de reunião aos pais das crianças para dialogar sobre sua ajuda na educação básica das crianças. Ela começou ensinando na sua casa, mesmo ainda não formada como pedagoga, mas já estava fazendo a faculdade para sua graduação. Para se ter um espaço mais adequado, fora da casa da Dona Ilza, o meu avô Chico Pimenta doou uma porção de terra para construir a escola, onde, a partir disso, realizaram uma reunião da comunidade com a prefeitura de Acará para fazer a Escola Santa Rita.

A ação importante de Dona Ilza, para os jovens da comunidade, foi estimular esses alunos a fazer parte do grupo de Jovens Unidos em Cristo, que foi onde comecei a gostar de teatro. Aos 12 anos de idade, já fazia parte desse grupo, e como consequência disso, decidi fazer faculdade de teatro. “Foi uma alegria tão grande”, disse Ilza do Socorro, “quando os jovens quilombolas ingressam na faculdade para se tornarem seres humanos com mentes renovadas, mas é preciso ter consciência de que lutas, pedras e tropeços vêm em nossa jornada, para nos fazer desistir, porém é necessário que como remanescentes de quilombo, prossigam perseverantes nos sonhos e objetivos, pois em nossa vida, tudo é com muita luta e esforço. Hoje, a graduação é a realização de um sonho, por ter conseguido ser uma pedagoga da Comunidade de São Sebastião”, afirma Dona Ilza.

A Associação dos Agricultores Quilombolas da Comunidade de São Sebastião do município de Acará, no Pará, foi fundada em 29 de agosto de 1991. Para o fundador Carlos

dos Santos Dias, "80% (oitenta por cento) das terras da Comunidade São Sebastião, localizavam-se em área quilombola". É a partir deste momento que surgiu o desejo de transformação, iniciando assim, uma longa jornada na busca do reconhecimento das terras da comunidade, como área quilombola. Nessa jornada incessante, foi de suma importância a ajuda de seus amigos José Maria Alves, José Carlos Galiza, Mário, Paulão, Raimundo, Antônia Lúcia Nascimento Holles e Fátima de Nazaré Galiza Barros que uniram-se nesta luta, direcionaram-no aos meios legais de ter reconhecidas suas terras e a identidade quilombola da Comunidade São Sebastião.

1º CAPÍTULO: Memória e trajetória da formação no Ensino Fundamental e Médio no Quilombo São Sebastião

Eu, Silvanete Lima de Souza, filha de Ivanete Lima de Souza e Djalma Dias de Souza, nascida, em 1991, no interior de Acará, em uma família de seis irmãos (Figura 1). Sou uma jovem negra e sonho, mesmo diante das dificuldades, em manter o sorriso no rosto. Minha família sempre trabalhou no roçado (agricultura familiar) com plantação de mandioca amarela e mandioca branca, fazemos farinha e produzindo tucupi (Figura 2). A maior tristeza da minha vida era ver os meus pais trabalhando incessantemente no roçado e não poder fazer nada para ajudá-los. Meu pai de tanto trabalhar no roçado adquiriu problemas de coluna, e eu queria ajudar de alguma forma, todavia não sabia como. Meu maior sonho era ingressar na universidade para me formar e “ser alguém na vida”, dar uma vida digna aos meus pais, mas o sonho parecia impossível porque meus pais não tinham condições financeiras de pagar uma faculdade para eu estudar.

Figura 1 - Da esquerda para a direita, Cintia, Taiane, Cinéia, Silvia, Silvanete e Cristiane.



Fonte: SOUZA, 2023.

Na minha infância, não tinha vergonha de ajudar os meus pais no trabalho no roçado, e ao longo de minha vida trago comigo o orgulho de ser uma mulher negra. Lembro de um dia ao retornar da minha escola, no ônibus escolar onde duas jovens, sentadas e eu de pé ao lado delas, com meu material escolar, foi quando as ouvi comentando sobre mim, exaltando a minha beleza negra, porém zombavam do adereço (lenço) em minha cabeça que usava para cobrir meu cabelo ruim, afirmando as mesmas que eu ficava semelhante à uma mulher

macumbeira. Com esse bullying sofrido, eu senti um mix de sentimentos, entre tristeza e raiva, mas me reerguendo do choque, levantei a cabeça e as olhei retrucando “ruim é o preconceito que vocês têm, não o meu cabelo!” Ao tentarem explicar-se, não dei importância ao que elas falaram, pois já estava próximo de minha casa. O racismo é diário e comum, é difícil sobreviver dia-a-dia nessa sociedade preconceituosa com pessoas racistas, homofóbicas e machistas, mas, mesmo assim, fui a primeira da minha família e, também, de minha escola, em uma turma de 40 alunos, a ingressar em uma universidade.

Figura 2 - Silvanete Lima de Souza trabalhando na produção farinha.



Fonte: SOUZA, 2023.

Ao completar 20 anos de idade, uma família, foi à residência dos meus pais, negociar meu serviço de babá para sua filha. Com meu consentimento fui trabalhar para essa família, mas ao me deparar que não era apenas o trabalho de babá, mas também como doméstica, desisti, pois não era o que eu almejava para minha vida. Passado um mês, fui à casa da minha mãe e relatei a ela que não queria trabalhar mais em casa de família. Foi quando minha tia, na tentativa de motivar-me, falou-me “filha, o trabalho de doméstica não é pra você porque você não foca no seu estudo?”. Então, iniciei o Ensino Médio, depois de concluído dediquei-me à agricultura familiar, junto com meus genitores durante algum

tempo. Após três anos, em 2017, minhas primas, filhas da professora Ilza, fizeram o Processo Seletivo Especial (PSE) do Quilombola na Universidade Federal do Pará (UFPA) e foram aprovadas. Elas falaram que iam em busca de melhorias de vida. Diante desse contexto, senti estimulada a fazer o mesmo e decidi inscrever-me no mesmo processo e adentrar em uma faculdade. Minha mãe perguntou-me “é isso que você quer, filha? Faça! Então vou ajudar, fico muito feliz porque você está me dando muitas felicidades com essa decisão, pois na minha juventude não tive esta oportunidade que você está tendo hoje”.

Todos os dias de manhã, ao andar oito quilômetros para o roçado, pedia a Deus que me concedesse a oportunidade de realizar o meu sonho, ajudar a nunca desistir, eu pedia com fé! Em um belo domingo, fui chamada para realizar o PSE dos quilombolas na UFPA, campus de Belém. Minha perspectiva sobre a prova foi muito boa cuja tive que fazer uma redação para passar na primeira fase do processo. Passaram-se duas semanas, eu fui chamada para fazer a segunda fase que foi uma entrevista. Essa entrevista foi excelente porque perguntaram-me sobre minha trajetória estudantil, superando minha expectativa com minha aprovação no referido processo seletivo. Todavia, se não tivesse ocorrido a aprovação, eu não iria desistir, continuaria fazendo até passar. Então, em menos de um mês, chegou a notícia que eu tinha conseguido realizar o meu sonho: entrar na UFPA. O resultado foi divulgado pelas redes sociais onde, nesse dia, todos os familiares estavam reunidos em casa para saber o resultado e quando soube que passei, fiquei muito feliz e chorei de alegria. Uma mulher negra sonhadora ingressou em uma das maiores universidades do Pará! Mas, fiquei triste, porque tive que deixar os meus pais para ir estudar na capital, logo fui morar com meu tio paterno (José Mimorino de Souza) no bairro do Jurunas, em Belém. No primeiro dia de aula, sentia-me muito triste, pensava que era só eu que tinha dificuldade na sala, não sabia mexer com a tecnologia porque os meus pais não tinham condições de comprar celular para as filhas.

Quando iniciou a pandemia da Covid-19, para mim ficou muito difícil, porque os meus pais não queriam que eu ficasse residindo em Belém. Foi quando surgiu a aula no ensino remoto. Com muitas dificuldades, tive que retornar para minha comunidade no interior e lá na casa da minha mãe tinha internet, porém era de péssima qualidade, pois a mesma ficava lenta devido o uso coletivo entre os estudantes da residência.

Atravessei o período pandêmico com todas as dificuldades. Regressei às aulas presenciais. E ao final desta etapa, escrevo meu Trabalho de Conclusão de Curso.

2º CAPÍTULO: Dona Ilza do Socorro – a primeira e única professora da Comunidade.

Abrimos espaço especial, nesta referida Trabalho de Conclusão de Curso, para a voz de Dona Ilza (Figura 3), uma das mulheres que faz parte da minha trajetória, que me incentivou e ajudou a chegar até aqui. Sua voz traz a perspectiva do contexto quilombola, destas mulheres que o constroem e de uma geração quilombola em construção.

Para a professora Ilza do Socorro Dias Lima, 54 anos, ainda em atividade na Educação Infantil e Fundamental I, do Quilombo São Sebastião desde 1983 a 2023, pedagoga formada pela Universidade Federal do Pará. “Ao longo dos anos, o Quilombo São Sebastião tem se desenvolvido e progredido no âmbito educacional, uma vez que como educadora trabalhamos em nossa grade curricular as disciplinas (Português, Matemática, História e Geografia e Ciências), mas também trabalhamos uma educação focada sobre origem da comunidade, visando preparar essas crianças, adolescentes e jovens para o reconhecimento de sua identidade quilombola”.

Figura 3 - Dona Ilza do Socorro e alguns alunos.



Fonte: SOUZA, 2023.

“No passado mal tínhamos um lugar para estudar, hoje, com muita responsabilidade, educamos nossas crianças e adolescentes para que no amanhã eles não se envergonhem de onde vêm e que seus ancestrais sofreram, mas, deixaram para nós uma grande riqueza

através de muita luta e lágrimas, porém hoje podemos vivenciar os resultados, as conquistas que nossos antepassados escravizados enfrentaram”.

Ao falar sobre o objetivo da educação no Quilombo São Sebastião ela diz que: “o maior objetivo da Escola Municipal Santa Rita, no quilombo, nos dias de hoje é ter uma educação transformadora, com foco na valorização de nossa origem dentro de nossa comunidade, trabalhando sempre em vertentes como o projeto Matrizes Africanas, que atualmente já é desenvolvido dentro da comunidade. Porém que precisam ser melhoradas e ampliadas, para que nossos alunos possam reconhecer que não podemos viver em um mundo racista, e em uma sociedade que vive em conflitos uns com os outros não entendendo que somos todos iguais. Para que assim, possamos ter uma comunidade unida e, que trabalhe junto em projetos, vivendo de forma harmoniosa e igualitária dentro de nosso quilombo São Sebastião.”

Ilza falou um pouco sobre a história de sua formação acadêmica: “Foram dias difíceis, pois para me formar em Pedagogia, estudei cinco anos em um projeto chamado “Gavião” na Cidade do Acará-PA. “Na época, mesmo só tendo a quarta série, eu já alfabetizava as crianças no Quilombo, mas era necessário o magistério. Então iniciei no ano de 1997 e a partir daí foram grandes desafios enfrentados ao longo de minha formação, uma vez que, em minha época não tínhamos a Alça Viária e todo esse percurso era feito a pé ou de barco; saltávamos no Porto de Jutiqui e vínhamos a pé, ou então íamos para o Porto da Boa Vista para pegar o barco São José. Lembro-me de como os meus pais Carlos dos Santos Dias e Ladi da Conceição Soeiro Dias iam para a cidade de Belém-PA, saíam de canoa remando, para isso, esperavam a maré encher e ao chegar na boca do igarapé do Genipaúba, eles esperavam a maré vazar para poder chegar remando até o VER-O-PESO, em Belém-PA, ali vendiam suas mercadorias para trazer o alimento para sua família. Em seguida mudou-se o meio de transporte para barco a motor, porém no inverno ele chegava no porto, mas no verão tinham que ficar em uma localidade chamada Boca do Açú e isso era trabalhoso, pois, traziam a mercadoria do roçado até a beira do igarapé, colocavam no casco para se deslocar remando até a Boca do Açú, para pegar o barco e chegar até Belém. Outro meio era ir até a localidade quilombola chamada de Boca da Samaumeira ou então, quando não levávamos mercadoria íamos a pé pela Boa Vista para de lá pegar o barco para chegar a Belém. Era uma trajetória muito difícil, pois, chegava a uma situação quase como a de escravizados, pois passavam horas colocando as suas mercadorias em cascos, remavam horas sentados em uma mesma posição, muitas vezes sentados sobre a mercadorias ou então no fundo do casco. Essa foi umas das lutas enfrentadas por meus pais e a comunidade antes

da Alça Viária, nessa luta enfrentamos perigos, deixando para trás esposo, filhos, nossas famílias, pois nas férias passávamos dois meses estudando na cidade do Acará. Porém, com muita gratidão a Deus, no ano de 2002, consegui concluir, logo as lutas e as dificuldades foram vencidas e pude me graduar em magistério. No ano de 2013, me inscrevi em um outro projeto chamado PARFORsendo aprovada em janeiro de 2013. Deu-se início em meu processo de formação superior na Universidade Federal do Pará (UFPA), no campus de Abaetetuba, migrando assim para um outro município”.

Continuando sua narrativa, a pedagoga e quilombola Ilza do Socorro relata: “Para estudarmos, não tínhamos ajuda de custo de ninguém, a não ser do próprio projeto e de minha família, e como fiquei desempregada em um determinado momento pensei em desistir, parar, pois, sem dinheiro para pagar aluguel, me sustentar na cidade de Abaetetuba não via como continuar. Com o apoio de minha família, de meu esposo e de minha comunidade não desisti, prossegui, e essa foi outra barreira que consegui vencer. No ano de 2018 me formei (Figura 4) e junto com meus amigos e família fizemos uma linda festa, onde pudemos regozijar essa grande vitória alcançada em minha vida e para minha comunidade. Hoje me orgulho em dizer que pude ser a pioneira, a primeira da família a me tornar pedagoga e ser precursora dessa profissão tão linda dentro de minha comunidade.”

Figura 4 - Ilza do Socorro Dias de Lima formada.



Fonte: SOUZA, 2023.

Dona Ilza também faz parte do grupo de jovens. O primeiro grupo de jovens foi fundado na Igreja Católica na Comunidade São Sebastião, Sítio Canudos em Genipaúba - Baixo Acará.

“Comecei a participar do grupo ainda adolescente. Nesse grupo, nós fazíamos peças teatrais e também danças. Eu gostava de ajudar a fazer as personagens, mas também ajudar no roteiro de cenas, nos reunimos em rodas de conversa, com dia, horário e local elaborado por cada integrante do grupo, cada participante podia criar o tema e assim criávamos a nossa peça teatral. Os temas eram relacionados à realidade daquele tempo, não tínhamos ajuda de profissionais, tecnologia não existia, mas fazíamos nosso belíssimo teatro baseado naquilo que nós vivíamos em nossa comunidade. Nasci nesta comunidade e fui criada nela desde criança, meus pais me levaram para participar junto com eles, na igreja e nos movimentos da comunidade. Éramos jovens da roça, do trabalho, enfrentávamos dificuldades, sem acesso à tecnologia, sem energia elétrica, nem ramais para chegar até o local onde nos reuníamos, então, caminhávamos a pé por igapós, às vezes de canoa pelo igarapé”.

Dentro desse contexto, Ilza do Socorro elucida: “O nosso grupo de jovens nunca teve ajuda para suas realizações, sempre foi o grupo de jovens e a comunidade que desenvolveram atividades arrecadativas para manutenção das ações do grupo. A comunidade sempre deu motivação para que continuássemos com o nosso grupo e que conquistássemos outras pessoas para ampliá-lo. Grupo bonito onde somos livres para fazer peças de teatro. A nossa maior dificuldade é que as pessoas nunca investiram nos grupos de teatro. Tínhamos ajuda da Igreja Católica, mas os órgãos existentes no município de Acará nunca investiram neste grupo; temos várias atrações teatrais e mesmo assim nenhum órgão chegou pra conversar com grupo. Os espetáculos teatrais são caracterizados por fortes elementos religiosos, o tema central das apresentações são cenas bíblicas. Sempre que íamos nos apresentar fazíamos uma pesquisa sobre o tema, construimos a peça para ensaiar. Temos uma coordenação composta por algumas pessoas, que marcam um dia para elaborar, apresentar dentro da nossa comunidade e fora dela, somos chamados para apresentar em outras comunidades”.

Atualmente, o Grupo de Jovens Unidos em Cristo da Comunidade Quilombola São Sebastião (figura 5), com aproximadamente quinze componentes, trabalha com apresentações religiosas e danças em eventos históricos-culturais como carimbó, quadrilha, entre outras, principalmente nas festas juninas, data da consciência negra. Vale ressaltar que o referido grupo atua tanto dentro da comunidade quilombola como deslocam-se para outras comunidades católicas ou quilombolas.

Figura 5 - Grupo de Jovens da Comunidade São Sebastião.



Fonte: SOUZA, 2023.

3º CAPÍTULO: A formação universitária de mulheres da comunidade, protagonistas da luta.

Dona Ilza nos mostra a alegria de entrar na universidade. Para mim, fica a importância da sua graduação em Pedagogia, uma honra para a comunidade São Sebastião”.

“O processo de aprendizagem em nossa vida não pára, ele é um processo contínuo que gira como um círculo que é infinito, onde não se pode parar”. Dona Ilza contagia com a alegria em poder ajudar no desenvolvimento da educação da comunidade, e de estar lecionando e contribuindo para a formação das crianças. Ela exerce a profissão ao longo de 40 anos, iniciou com 80 alunos, sem escola, sem lousa, sem giz, atualmente com 54 anos ainda em atividade, sente-se realizada por estar fazendo essa missão fluir, buscando fazer com que alunas e alunos aprendam e busquem algo melhor para suas vidas, famílias e comunidade”. Ao ver alunos dentro da universidade, estudando, se formando, emerge a sensação de missão cumprida por estar ajudando seu povo a alcançar cada vez mais conhecimento.

Giovana Dias Lima é filha de Edvaldo Sacramento e de Dona Ilza do Socorro. Nascida em 1990 começou a estudar com 3 anos no quilombo. Ela relata: “Minha primeira professora foi nada mais, nada menos, que minha própria mãe. Na educação infantil, a maior dificuldade foi ler. Com 13 anos passei da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, onde começou a dificuldade de morar no interior, pois tinha que me deslocar do meu quilombo para outra comunidade. A maior dificuldade era o transporte, porque os motoristas ficavam até 3 meses sem receber salário e como estavam sem receber os ônibus paralisaram. O ramal também era outra dificuldade, às vezes, o ônibus ficava atolado e tínhamos que empurrar. Às vezes era a falta do dinheiro que nossos pais não tinham para nos dar, nem para merendar na escola, e se quiséssemos ser alguém na vida tínhamos que trabalhar na roça, saíamos com nossos pais para o roçado às 7 horas e voltávamos às 10 horas e 30 minutos, andando cinco quilômetros”.

Giovana continua: “Quando ia fazer farinha já levava a roupa para esperar o ônibus e seguir viagem, porém, ao terminar o Ensino Fundamental passei para o Médio. A prefeitura de Acará entrou em acordo com o Colégio Fernando Ferrari, localizado em Marituba – município do Pará – para que pudéssemos terminar o segundo e terceiro ano lá, só que o colégio não tinha salas suficientes, éramos 100 alunos. Então, divididos, o terceiro ano ficou em Marituba e o segundo foi pra Ananindeua, para Escola Eneida de Moraes”.

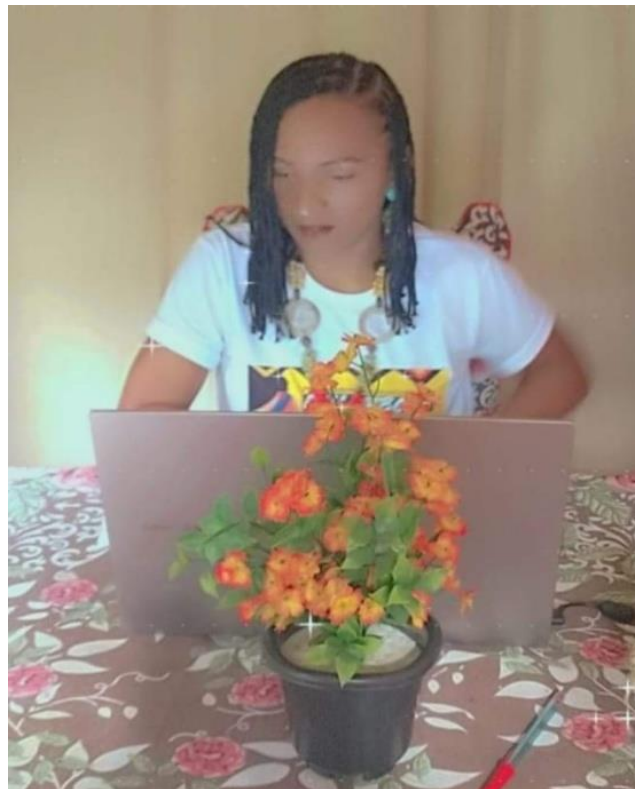
Giovana continua: “Quando ia fazer farinha já levava a roupa para esperar o ônibus e seguir viagem, porém, ao terminar o Ensino Fundamental passei para o Médio. A

prefeitura de Acará entrou em acordo com o Colégio Fernando Ferrari, localizado em Marituba – município do Pará – para que pudéssemos terminar o segundo e terceiro ano lá, só que o colégio não tinha salas suficientes, éramos 100 alunos. Então, divididos, o terceiro ano ficou em Marituba e o segundo foi pra Ananindeua, para Escola Eneida de Moraes”.

Giovana, como eu, enfrentou dificuldades. Chegava em casa às 23h, cansada e com muita fome, sobreviver da lavoura era penoso, nem todos os dias os pais tinham dinheiro pra dar ela e à irmã. Sobrevivem do cultivo da mandioca amarela e da branca, de fazer a farinha para comer, da plantação de açaí, biribá, cupuaçú e artesanato. Esta é a forma das nossas famílias tirarem o sustento. Como crer que terão condições de chegar à universidade? Em 2017, Giovana ingressou na UFPA. Ela conta: “Então foi difícil porque o nosso dinheiro para passar a semana era 100 reais, para mim e minha irmã. Para estudar e estar por dentro de tudo o que acontece no curso, precisa ter um celular e nós não tínhamos. Quatro meses depois, meus pais compraram um celular para mim e para minha irmã. Nossa maior dificuldade foi que não temos casa e nem parentes em Belém, para nossos pais a sorte foi uma irmã de criação a tanto tempo sumida que apareceu e disse que podíamos morar com ela. Com ajuda de amigos conseguimos receber uma bolsa de 900 reais, foi o que nos sustentou e assim, alugamos com nossos primos um quarto no bairro do Guamá – município de Belém. Hoje sou grata primeiramente a Deus e depois aos meus pais todos os esforços, paciência nos ajudaram a terminar e a realizar nossos sonhos.”

Giovana afirma que: “minha certificação tem muita importância para meu quilombo onde sou uma das primeiras quilombolas a entrar em uma universidade” e tudo isso foi só possível através da Associação Quilombola Comunidade São Sebastião do Município de Acará, o diploma é tanto mérito dela quanto de cada um que estava na torcida”. Giovana é nutricionista e a graduação é a possibilidade de ajudar as pessoas que precisam de um acompanhamento e orientação de uma alimentação saudável e adequada (Figura 6 e 7).

Figura 6 - Giovana durante sua defesa on-line.



Fonte: SOUZA, 2023.

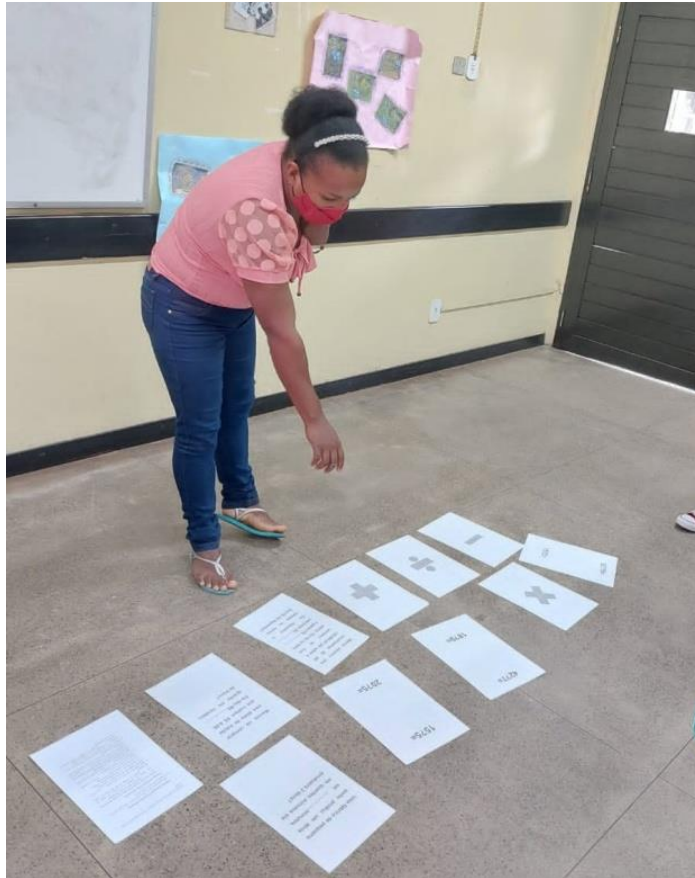
Figura 7 - Giovana Dias Lima após sua defesa de TCC.



Fonte: SOUZA, 2023.

Outro exemplo desta luta é Jacimara Dias Lima, de 31 anos, a terceira filha de quatro irmãos. Ela narra: “Posso dizer que minha infância dentro da minha comunidade foi boa em meio aos desafios, lembro-me que junto com outras crianças brincávamos de casinha sob as árvores, as nossas bonecas eram feitas dos cachos da bacaba. Brincávamos de bandeirinhas, pira-esconde no igarapé, e à noite os idosos contavam histórias. Desde de criança minha mãe e meu pai me levavam para o roçado porque não tinham babá. O acesso era só por barco. Em 2017, passei no PSE Quilombola entre duas opções - a primeira foi Teatro e a segunda Pedagogia - o curso que eu queria, era Engenharia Ambiental, mas quando o resultado saiu, passei em primeiro lugar em Pedagogia, tudo o que eu queria era cursar uma faculdade, consegui entrar na UFPA. Durante a graduação, morava sozinha em um kitnet com um compartimento, no bairro do Guamá, município de Belém. Passado um ano, minha irmã Giovana, passou morar comigo. Com pouco recursos financeiros, passamos duas semanas com 200 reais, 100 para cada, íamos andando todos dias porque não tínhamos dinheiro pra pagar o ônibus. Para ir e voltar, a dificuldade encontrada também foi dentro da sala de aula porque a maioria dos trabalhos entregues eram digitados, mas, como eu não tinha acesso a tecnologia entregava meus trabalhos em formato manual, eu conversava com os professores e eles me entendiam e recebiam os meus trabalhos. O sentimento de desistência foi grande, no começo não identificava-me com o curso, mas ao chegar no quarto semestre, comecei a estagiar na escola UEI Monte Alegre, no bairro do Jurunas, trabalhando com os alunos uma atividade pedagógica de jogos de desenho no papel. Eu amei os alunos me chamando de tia lembravam meus sobrinho, enfim, venci! Me formar e poder ajudar essa mulher, que é minha mãe, e ajudar a levar mais conhecimento para as crianças de minha comunidade quilombola. O meu diploma é uma conquista muito importante para ajudar a formar cidadãos com os nossos conhecimentos.”

Figura 8 - Jacimara Dias Lima, em uma atividade de estágio, na Escola UEI Monte Alegre, no bairro do Jurunas



Fonte: SOUZA, 2023.

4º CAPÍTULO: Carlos dos Santos Dias: Fundador do Quilombo e Associação dos Quilombolas da Comunidade de São Sebastião do Município de Acará - PA.

O fundador da Comunidade DE São Sebastião do Município de Acará é Carlos dos Santos Dias (Figura 9). Ele nos conta que “80% das terras da Comunidade São Sebastião, localizavam-se em área quilombola”. É a partir deste momento que surgiu o desejo de transformação, iniciando assim, uma longa jornada na busca do reconhecimento das terras da comunidade, como área quilombola. Nessa jornada incessante, foi de suma importância a ajuda de seus amigos: José Maria Alves, José Carlos Galiza, Mário, Paulão, Raimundo, Antonia Lúcia Nascimento Holles e Fátima de Nazaré Galiza Barros, que ao se juntar nessa luta, direcionaram-no aos meios legais de ter reconhecida suas terras e a identidade quilombola da Comunidade São Sebastião.

Figura 9 - Carlos dos Santos Dias, fundador do Quilombo e Associação dos Quilombolas da Comunidade de São Sebastião do Município de Acará - PA.



Fonte: SOUZA, 2023.

Ao ser indagado sobre sua gestão à frente do Quilombo São Sebastião afirma: “Foram dias difíceis de luta e sofrimento, uma vez que na época, a locomoção por meios de transportes como moto, carro na comunidade era impossibilitada e toda sua caminhada ao longo de sua luta era feita a pé”. Conta Carlos Santos que entre idas e vindas aos órgãos públicos em busca de soluções, chegava a caminhar cerca de duas horas e meia (2h30), saindo de Belém às 16h30min chegando às 18h no quilombo e, tendo que retornar novamente à Belém ainda de madrugada por volta das 5h, pois era preciso estar na Assembléia Legislativa do Estado do Pará, para participar de uma grande reunião do Programa “*Luz para Todos*”, o qual uma vez conquistado traria o progresso e dignidade para a vida de toda a Comunidade. No ápice da entrevista já emocionado afirma Carlos dos Santos: “Dessa forma o desejo de mudança em nossa comunidade foi movido pela dor e sofrimento, de ver nosso povo viver uma vida escravizada, regado com muita luta e sacrifícios de seus representantes, para que nossos filhos, netos, bisnetos e tataranetos não sofressem tudo aquilo que seus antepassados sofreram, mas pudessem, num futuro, conquistar os lugares mais altos na sociedade, tornando-se motivo de orgulho e alegria para sua família e a comunidade de São Sebastião”.

Ao finalizar falou um pouco sobre as oportunidades concedidas aos jovens da comunidade em sua gestão e afirma ele: “Uma comunidade sem juventude ativa é morta, logo, uma associação sem a participação dos jovens não possui forças para prosseguir, conquistar, pois o jovem é a força, o motor de arranque para realização e muitas conquistas. Ao iniciar minha trajetória tinha forças para caminhar, mas, hoje as forças se foram e sem a participação da juventude dentro da associação não há continuidade, ela acaba, uma vez que não teríamos pessoas que dessem continuidade no trabalho assumindo cargos importantes como a presidência, tesouraria e secretaria de nossa associação e colocando-a sempre em atividade.”

Diz Carlos: “Hoje, olhando para meus netos e outros jovens de nossa comunidade ingressando na Universidade Federal do Pará - UFPA, muito me alegro e agradeço a Deus portudo que foi conquistado mediante à luta, esforço e sofrimento, vejo que como a história do beija-flor, que ao ver a floresta pegando fogo, subia e descia levando água em seu bico, na tentativa de apagar aquele grande incêndio, o sábio indaga se aquela atitude resolveria o problema, o beija-flor responde que estava fazendo sua parte. É dessa forma que me sinto hoje, como o beija-flor da história, com a sensação de missão cumprida, pedindo para aqueles que estão a frente atualmente, façam a sua parte, mas fazendo com amor, zelo e muito dedicação pois só assim, as gerações futuras poderão colher os frutos que marcaram e

marcarão a história de nosso povo.” (Carlos dos Santos Dias, Acará-Pará – 03 de Abril de 2023).

Figura 10 - Atual coordenação da Associação dos Quilombolas da Comunidade de São Sebastião do Município de Acará - PA.



Fonte: SOUZA, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão da graduação é de suma importância para minha trajetória de vida pessoal, profissional, familiar e para minha comunidade quilombola. Sou a primeira mulher quilombola de minha comunidade formada na Licenciatura em Teatro. Primeiramente, agradeço a Deus por conceder essa alegria de vivenciar essa conquista. Agradeço à Associação Quilombola da Comunidade São Sebastião do Município de Acará – minha terra, minha identidade – pelo apoio na inserção na Universidade Federal do Pará. Quando fui aprovada no Processo Seletivo Especial (PSE), meus pais não tinham como custear as despesas que essa nova jornada em Belém iriam proporcionar. Quando comecei a cursar Licenciatura em Teatro, acreditava que o conhecimento adquirido no curso me levaria a ser uma atriz. Mas, ao longo da graduação percebi que seria professora de Teatro. Disciplinas como “Trajetórias do ser” e “Teatro de Animação” enriqueceram profundamente o saber e o fazer Teatro, contribuindo para que minha dedicação fosse ainda maior nessa área da licenciatura. Sem explicar com eloquência, o teatro entra na minha vida de maneira surreal, pois ao longo do tempo fui superando minhas dificuldades. Como eu já faço parte do Grupo de Teatro Jovens em Cristo, em minha comunidade, então é impossível abster-me do teatro. Assim, desejo montar uma escola de teatro dentro do meu quilombo, ensinando as técnicas assimiladas tanto nas aulas teóricas quanto nas práticas, para assim perpetuar a nossa identidade às gerações que existem e que virão.

Como profissional qualificada por esta renomada instituição de ensino superior, que através do PSE, abriu uma oportunidade única para ampliar meus conhecimentos, retomo minha trajetória de luta junto aos quilombolas da Comunidade São Sebastião e levando o conhecimento que eu consegui desenvolver dentro da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Pretendo mostrar ao grupo de teatro, já existente, que minha formação é de suma importância para a comunidade. Pretendo trabalhar, não somente com crianças e jovens, mas também penso em trabalhar com os idosos e pessoas que estão passando por momentos de depressão. Pretendo construir projetos para formação de grupos com as técnicas da arte com essas pessoas, para melhorar a expectativa de vida delas, levando jogos teatrais como caminho para o desenvolvimento do lugar.

Essa história continua...

REFERÊNCIAS

FREITAS, Ingrid Gomes de. **Manifesto pauta negra:** em rastros de criações (po)éticas decoloniais de uma encenadora-produtora . Orientadora: Andréa Bentes Flores. 2023. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/5823..>

BARBOSA, Alex do Carmo; SOUZA, Camila Gonçalo; ROCHA, Renata da Silva; BATISTA, Renan da Silva. A inserção do teatro no currículo de escola pertencente às comunidades quilombolas e suas contribuições na formação discente e na preservação da cultura **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, e36011528336, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/article>.

ENTREVISTAS

DIAS, Carlos dos Santos. Entrevista cedida a Silvanete Lima de Souza, realizada em 02 de abril de 2023, às 11h28.

LIMA, Giovana Dias. Entrevista cedida a Silvanete Lima de Souza, realizada em 31 de maio de 2023, às 21h30.

LIMA, Ilza do Socorro Dias. Entrevista cedida a Silvanete Lima de Souza, realizada em 02 de abril de 2023, às 20h30.

LIMA, Jacimara Dias. Entrevista cedida a Silvanete Lima de Souza, realizada em 02 de maio de 2023, às 17h38.

LIMA, Simone Sacramento. Entrevista cedida a Silvanete Lima de Souza, realizada em 23 de abril de 2023, às 12h30.